

Variação linguística e a representação da identidade nordestina pela linguagem

Linguistic variation and the representation of northeastern identity through language

DOI:10.34117/bjdv7n11-465

Recebimento dos originais: 12/10/2021

Aceitação para publicação: 25/11/2021

José Domingos

Doutor em Linguística pela UFPB. Professor do Departamento de Letras e Artes – DLA – da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Desenvolve pesquisas em Estudos dos discursos, com interesse em: subjetividades e as sexualidades contemporâneas, relações de poder

E-mail: domingosuepb@gmail.com

Éricka de Souza Guimarães

Graduada em Letras - Português pela Universidade Estadual da Paraíba. Estudante de pós-graduação em Estudos Linguísticos e Literários na Faculdade Única

E-mail: gs.erickaa@gmail.com

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise sociolinguística do livro *Ciço de Luzia*, de Efigênio Moura (2013). O objetivo principal foi de compreender como os tipos e níveis de variação linguística nas falas das personagens contribuem na formação da identidade cultural nordestina. Partimos do pressuposto de que, em uma comunidade de fala, a língua é tida como algo heterogêneo e que varia de acordo com diversos fatores. Então, à luz dos fundamentos teóricos da Sociolinguística, foram destacadas algumas variações que fazem parte do *corpus* estudado, e algumas questões acerca do preconceito linguístico, pois é a partir da língua que é possível verificar as crenças e costumes caracterizados pelos personagens da região do Nordeste. Este trabalho tem caráter qualitativo e bibliográfico, uma vez que os estudos foram desenvolvidos a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores. Para a análise acerca da constituição da identidade e das variações linguísticas, este estudo foi baseado em alguns autores e suas teorias (WOODWARD, 2000); (HALL, 2007); (ALKIMIN, 2007), entre outros. Através da análise, revelou-se a identidade religiosa, a do homem valente e de costumes nordestinos típicos da década de 1970, representadas nas falas e expressões utilizadas pelos personagens. Assim, é possível destacar duas variações linguísticas, a diastrática e a diatópica, que contribuem para a identificação dos indivíduos no livro.

Palavras-chave: Língua, Identidade cultural, Variação linguística.

ABSTRACT

This paper presents a sociolinguistic analysis of the book *Ciço de Luzia*, by Efigênio Moura (2013). Its main objective was to comprehend how types and levels of linguistic variation in the characters' speeches contribute to the formation of northeastern cultural identity. We started from the assumption that in a speech community, language is understood as something heterogeneous that varies according to several factors. Then based on theoretical support from Sociolinguistic, some variations from the studied *corpus* and some questions about linguistic prejudice were highlighted, because through language it is possible to verify beliefs and the costumes characterized by characters from Northeast region. Regarding the methodology, this work has a

qualitative and bibliographic character, since the studies were developed through the available register, due previous researches. For the analysis about the constitution of identity and linguistic variations, this study was based on some authors and their theories, like (WOODWARD, 2000); (HALL, 2007); (ALKIMIN, 2007), and others. Through the analysis, the religious identity, the man's brave identity and typical northeastern costumes from the 1970s were evidenced, and they are represented in the speech and expressions used by the characters. Thus, it is possible to evidence two linguistic variations, the diastole and diatopic that contribute to the individuals' identification in the book.

Keywords: Language, Cultural identity, Linguistic variation.

1 INTRODUÇÃO

Frequentemente nos deparamos com julgamentos feitos a pessoas que falam de forma diferente, como se não possuíssem nenhum conhecimento sobre a língua, e são rotuladas de não saberem falar bem o Português brasileiro. Entretanto, a Sociolinguística, um dos ramos da Linguística, apresenta a relação entre língua e sociedade, mostrando as maneiras como determinados sujeitos falam, desmistificando assim, alguns preconceitos sociais que existem sobre esse assunto. Considerando o fato de que periodicamente livros e mais livros são lançados com diversas temáticas nas mais diversas áreas de estudo, no que diz respeito à Literatura, alguns romances chamam atenção para os relacionamentos construídos de modo fantasioso e imagético. Porém, alguns livros podem ser considerados como meios de análises diversas, e de certa forma representar uma ponte entre o real e imaginário.

Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é analisar na obra *Ciço de Luzia*, de Efigênio Moura, algumas falas dos personagens, como as de Ciço, Luzia e Dona Judith entre outros, para podermos compreender algumas questões, tais como: quais são as variações linguísticas existentes na narrativa ficcionada no livro? São apenas as nordestinas? E quais construções identitárias são possíveis depreender na produção linguística das personagens? O presente estudo tem caráter qualitativo e bibliográfico, uma vez que as pesquisas serão realizadas a partir do registro disponível, decorrente de estudos anteriores.

Assim, é possível identificar algumas das diversas variações linguísticas existentes na região nordestina, especificamente em Monteiro, Camalau e Zabelê, locais que são retratados no livro, e como foram formadas as identidades de cada personagem, para compreendermos a relação existente entre a linguagem retratada no livro e identidade, pois sabe-se que a língua é uma das marcas sociais na construção, criação e recriação de quem eu sou e de quem o outro é. O estudo das variações linguísticas nordestinas presentes na obra nos mostra como a Literatura pode contribuir para sabermos

mais dos costumes, cultura e identidade de um determinado povo, mesmo sendo um romance ficcional, e também enriquecer o livro literário, ao destacar suas características.

Para alcançarmos nossos objetivos, utilizamos as reflexões de Woodward (2000) sobre identidade e diferença; as ideias introdutórias acerca da Sociolinguística e das variações linguísticas de Alkimin (2007); e os estudos de Hall (2007) sobre identidade cultural nas pós modernidade, nos mostrando como a interação entre os sujeitos pode modificá-la ou defini-la em uma determinada sociedade.

O presente trabalho está estruturado em cinco seções. Na primeira, discutiremos alguns referenciais teóricos sobre a Sociolinguística e a identidade, fazendo uma explanação geral sobre essas teorias que serviram de base para o entendimento das análises.

Na sequência, estabelecemos a relação entre as teorias estudadas e o *corpus* escolhido, apresentando a importância da interação entre língua e sociedade na formação da identidade nordestina, refletindo também sobre os preconceitos sociais existentes em torno da língua falada. Na seção seguinte, discorreremos sobre o livro, em que se encontra o *corpus* dessa pesquisa, para situar o leitor no momento de cada análise feita posteriormente, deixando claro, entre outras questões, que o contexto histórico é ambientado na década de 1970, e, sendo assim, algumas palavras entraram em desuso.

No último tópico, analisamos algumas falas presentes na obra, dentre elas as das personagens Luzia, Ciço e Dona Judith, sendo possível constatar algumas variações que são próprias do Nordeste, e outras que circulam no Brasil, independente da região.

2 SOCIOLINGUÍSTICA E IDENTIDADE: UMA ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

Ao discorrer sobre linguística, ou qualquer área que tenha interesse na língua, é de fundamental importância mencionar Ferdinand Saussure, pois, em seu livro *Curso de Linguística Geral*, ele apresenta o objeto de estudo e o método para abordar o sistema linguístico. Sabendo que durante séculos a língua vem sendo analisada, Saussure (2006) nos mostra a língua como algo homogêneo, que não pode ser modificada, não por apenas um único indivíduo, pois ela é social. Mesmo reconhecendo que a língua possui relação com fatores externos, sociais, Saussure não achou relevante para suas pesquisas a fala, pois a língua era seu objeto de estudo principal naquele momento. Porém, como toda teoria pode ser sempre revisada para que haja melhores resultados, surgiram outros estudiosos que concerniram a língua como parte da interação entre indivíduos, e que a

fala é a concretização daquela, ou seja, como Saussure nos mostrou elas possuem uma relação, mas diferente do que ele defendia, elas devem ser estudadas juntas, como nos mostra Luchesi:

Ao colocar a variação na estrutura da língua, através de sua concepção de língua como um *sistema heterogêneo*, a teoria sociolinguística rompe a dicotomia saussuriana, resgatando a atividade linguística concreta como objeto legítimo de investigação. (LUCHESE, 2015, p. 32).

Língua e fala são partes que se complementam, e as duas podem ser modificadas, sendo a fala a concretização da língua, o meio de linguagem mais utilizado entre os seres humanos.

Dentre os sociolinguístas, o que mais se destacou foi William Labov, com a introdução da Sociolinguística variacionista, pois “foi ele quem mais veementemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de sistematizar a variação existente e própria da língua falada.” (TARALLO, 2002, p. 7).

Como é perceptível, essa área investiga e explica como determinadas construções frasais ou simples palavras podem ser produzidas e compreendidas, mesmo quando não são de acordo com a norma gramatical brasileira, pois isso se dá pelo fato de que o falante encontrará no mínimo duas variantes para passar a mesma mensagem, sem que essa fique incompreensível. Então, o objeto da sociolinguística “é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso.” (ALKIMIN, 2007, p. 31).

A Sociolinguística nos fornece perspectivas que servem para ampliar nosso campo de conhecimento sobre a língua, a fala e a sociedade, nos mostrando como se dá a relação existente entre elas. Um dos pontos que são tratados por essa corrente é sobre a variação linguística, pois, toda língua possui suas mudanças de acordo com vários fatores que contribuem para a forma diferente no falar dos indivíduos, e como pontua Alkimin:

Língua e variação são inseparáveis: a Sociolinguística encara a diversidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico. Nesse sentido, qualquer tentativa de buscar apreender apenas o invariável, o sistema subjacente - se valer de oposições como “língua e fala”, ou competência e *performance* - significa uma redução na compreensão do fenômeno linguístico. (ALKIMIN, 2007, p. 33).

Dessa forma, é possível verificar a importância que a variação possui sobre a língua, mostrando a heterogeneidade no falar dos indivíduos em uma sociedade,

constituindo as relações entre os sujeitos, e também a influência direta na construção da identidade cultural.

O que seria a identidade? Há uma ou várias? Inicialmente, podemos entender que ela é o que se é, e está em estreita relação com a diferença, essa, o que o outro é, e as duas são autorreferenciadas (ZANUTTO, 2010). Ao falarmos em identidade nacional, por exemplo, teremos uma marcação simbólica para diferenciar um país do outro, seja por meio do hino, da bandeira ou de outras marcas que identificam e fazem com que ele tenha uma identidade própria, sendo também marcada socialmente através da língua, da cultura, entre outras. Conhece-se um país através da identidade que o representa, e o que faz ser aquele e não outro, pelas diferenças existentes entre ambos, e para Woodward:

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de forma de exclusão social. A identidade, pois, não é oposto da diferença: a identidade depende da diferença. (WOODWARD, 2000, p. 39).

Desse modo, a identidade precisa daquilo que ela não é para existir, e as marcas simbólicas ou sociais serão uma das formas como determinada comunidade será diferenciada das demais.

Assim, em meio a várias discussões acerca desse assunto nas últimas décadas, estudiosos se preocupam com a definição de identidade, principalmente quando perceberam que ela é uma construção contínua e que está ligada com a interação que é realizada entre os indivíduos. Um dos meios dessa relação se dá através da linguagem, porque o ato de fala de cada sujeito condiz com aquilo que ele venha a ser para si e para a sociedade, e esta de algum jeito irá induzi-lo a seguir uma identidade padrão, determinante.

O sociólogo Stuart Hall (2007) expõe três concepções de identidade, que estão relacionadas aos acontecimentos na sociedade e que conseqüentemente culminam para a formação identitária do ser humano, são elas: o sujeito iluminista (sua identidade era o eu, individualista e seus pensamentos eram envoltos de si mesmo); o sujeito sociológico (que passa a perceber que a construção de um eu interior se dava a partir da relação com os outros mais próximos, um constante reflexo, ou seja, uma identidade construída de projeções do externo com o interno de várias pessoas); e sujeito pós-moderno é (uma construção contínua do eu interior, mudando constantemente de acordo com os grupos sociais que o rodeiam). Dessa forma, é perceptível que, quando o indivíduo nasce em uma comunidade que seja marcada socialmente por meio da língua, classe social, cultura,

entre outras, está sujeito a transformações, a língua não é inata, e o outro participa para que ocorram essas mudanças em cada um. Para Hall (2006, p. 13) a identidade “é definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente.”.

Então, a identidade é a forma como a pessoa pode conhecer a população em que está vivendo, sua história e se conhecer, podendo ou não modificá-la a depender de sua identificação com aquela comunidade ou pessoa. Assim, podemos perceber ao nosso redor várias influências que colaboram para o processo de construção da identidade, um deles é a mídia. Assim que uma novela é lançada, por exemplo, uma grande parte da população passa a querer “copiar” o estilo do (a) protagonista, fazendo com que em alguns casos os sujeitos busquem uma nova identidade; esse tipo de exposição de uma identidade “ficcional” na sociedade pode levá-lo a esse caráter de mudança constante. Como reforça WOODWARD (2000, p. 17) “a mídia nos diz como devemos ocupar uma posição — de — sujeito particular

— o adolescente “esperto”, o trabalhador em ascensão ou a mãe sensível”.

Então, a identidade é uma construção contínua, em que pode haver interferência ou não de outras pessoas. A identidade linguística é comumente adquirida quando o sujeito começa a falar suas primeiras frases, e se firma mais ainda na comunidade por meio dos usos das variações que são utilizadas em meio as comunidades de fala em que está inserido.

3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Como vimos, a identidade é construída através de vários fatores, e a forma como uma pessoa fala, pode nos demonstrar identidades culturais distintas. Um dos pontos relevantes no estudo da Sociolinguística é a variação que a língua sofre no meio social. Dessa forma, ao verificarmos, por exemplo, aqui no Brasil, nem todos falam o mesmo Português, porque cada pessoa tem o seu jeito de pronunciar as palavras por razões socioculturais, incluindo os indivíduos que seguem a língua padrão. Isso por que, existem as características de cada sujeito que influenciam o modo de fala, um idoso não utilizará de gírias atuais como um jovem faz deliberadamente, pois em seu tempo uma palavra com um sentido igual ao de hoje é dita diferentemente. Assim, como nos mostra Alkimin:

Ao estudar qualquer comunidade linguística, a constatação mais imediata é a existência de diversidade ou da variação. Isto é, toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar. A essas diferentes maneiras de

falar, a Sociolinguística reserva o nome de *variedades linguísticas*. (ALKIMIN, 2007, p. 32)

Ou seja, para a teoria Sociolinguística é possível falar algo com o mesmo significado, porém de forma distinta, pois há opções para dizer a mesma coisa sem prejudicar a mensagem do texto, mostrando que a língua não é homogênea. Um dos exemplos dados por Tarallo (2002, p. 9), que segue o raciocínio de Labov (1972), é o da variável linguística da marcação de plural no sintagma nominal (doravante SN), em que há duas variantes: a presença do fonema (s) e a sua ausência (0), entendese que o correto gramaticalmente é que haja concordância entre termos determinados e seus determinantes, tornando a frase redundante, então, teremos as seguintes variantes:

- a) A(s) menina(s) bonita(s)
- b) A(s) mina(0) pira(0)
- c) A(s) inimiga (0)

Percebe-se que, em (a), o sujeito determina que o adjunto adnominal fique em concordância, estando de acordo com a norma-padrão do português. Já em (b e c), só há a marcação do plural no artigo, essas últimas construções são comuns na internet e em rede sociais. O uso pelos falantes de uma comunidade pode ser tanto pelas pessoas que entendem o português, mesmo que seja menos frequente, quanto por aquelas que não possuem nenhum conhecimento; para elas é mais fácil a pronúncia com apenas a primeira palavra sendo marcada no plural, do que usar a marcação em todo o SN.

No entanto, como já verificamos no tópico anterior, essas questões se relacionam com o social de cada indivíduo, e dependendo de quem fale assim, o estranhamento será maior. Isso ocorre, por que há a oposição entre as variações, havendo a variante prestigiada, essa que segue as regras vigentes da gramática da língua portuguesa, e a estigmatizada, em que as normas não são usadas pela maioria da população brasileira, como mostra no *corpus* analisado. Temos, como exemplo, a fala de Luzia:

Oxe nós tem(*os*) qui ir as 3 da madrugada?

Nesta sentença se faz ausente o uso do marcador de plural, como destacado, e há a pronúncia do fonema [i], no lugar de colocar o fonema [ê]: aqui uma questão fonológica muito comum, inclusive entre as classes mais privilegiadas socioeconomicamente e que têm maior domínio sobre as normas gramaticais da língua portuguesa. Vale salientar que essas variações estarão sempre ligadas ao prestígio ou não

que uma pessoa possui. A personagem fictícia é a representação de uma população que teve pouco estudo, e por isso tem uma marca social cultural presente em suas falas.

Como pontua Votre (2015, p. 52), “a forma estigmatizada é objeto de comentário jocoso ou rejeição explícita na comunidade discursiva.”. Desse modo, precisa-se de mais conscientização e envolvimento da sociedade como um todo para que as pessoas de baixa renda tenham acesso ao estudo da norma padrão, porém, quando isso não acontecer por distintos fatores, é necessário que haja respeito com esses falantes, para que não ocorra como o caso que repercutiu na internet, em que um paciente teve exposta a forma como pronunciou os vocabulários “pneumonia” e “Raio-X”. A publicação foi feita pelo seu próprio médico, com o seguinte: “Não existe peleumonia e nem raôxis”, discriminando-o linguística e socialmente. O indivíduo, que por não ter conhecimento da maneira adequada de pronunciar algumas palavras, foi vítima desse estigma social. Sabemos que isto ocorre continuamente: algumas pessoas de uma classe social mais alta pensam que sabem todas as regras vigentes da língua portuguesa, mas pode acontecer dessas falarem inadequadamente, mesmo acreditando de terem domínio das normas gramáticas da língua portuguesa. Nesse caso, podemos ver a relação existente entre o conhecimento da variação da norma padrão e a estigmatizada e como uma se opõe à outra socialmente.

4 A RELAÇÃO LÍNGUA, SOCIEDADE E CULTURA

O domínio que o ser humano possui da linguagem e sua capacidade de comunicação através dela é uma das características que mais evidencia a diferença existente entre ele e os demais seres. Segundo Alkimin (2007, p. 26) “a língua é a manifestação concreta da faculdade humana da linguagem, isto é, da faculdade humana de simbolizar”. Dessa forma, é por meio da língua que se dá a interação entre os indivíduos, criando a possibilidade de expressarem seus pensamentos e sentimentos, trocarem ideias e dando existência a uma comunidade, em que há um processo comunicativo. Conforme Bakhtin (1929, p. 123 *apud* Alkimin, 2007, p. 25):

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal realizada através da *enunciação* ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

Percebe-se, segundo este autor, como a língua se concretiza como veículo de comunicação social, ou seja, pelo processo em que duas ou mais pessoas dialogam,

fazendo necessária a utilização dela na escolha de sentenças que tornam possível para o entendimento de ambas as partes.

Sendo assim, uma sociedade é composta por pessoas que compartilham de algo em comum, seja na cultura, na alimentação, hábitos sociais ou pela utilização de uma língua que engloba toda a população de um determinado local, lembrando que, sendo a língua heterogênea, ela pode variar, a depender de diferentes fatores, que serão explanados no tópico posterior deste trabalho. De acordo com Benveniste (1963, p. 27 *apud* Alkimin, 2007, p. 27), “é dentro da, e pela língua, que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente”, assim, a língua é um dos constituintes presentes na formação do indivíduo em meio à sociedade e uma de suas construções culturais.

Dessa forma, a língua é uma das representações da cultura em uma sociedade, que, podemos inicialmente definir como um estilo de vida, tradições e formas de atuar e pensar de um determinado povo. Cada país ou região possui, dentro de suas fronteiras, algo que o caracteriza tradicionalmente, algo que está intrinsecamente ligado à população, e que o faz diferenciar das demais localidades. Podemos perceber, por exemplo, no Nordeste é comum durante as épocas festivas dedicadas ao santo São João, haver comidas típicas dessa época, como a presença dos alimentos feitos do milho, canjica, pamonha etc. Isso é resultado de uma tradição de séculos, passada de geração em geração e que atualmente é considerada como parte identitária cultural do povo nordestino.

5 ANÁLISE DO CORPUS

Conforme vimos anteriormente, a identidade é construída através da interação entre os sujeitos, sendo algo contínuo, e a língua é uma forma de representação da cultura e conseqüentemente da identidade de uma comunidade ou indivíduo. Assim, iremos por meio das falas de cada personagem, analisar as variações linguísticas existentes e as identidades que estão sendo representadas no livro. Observemos a seguinte fala de Ciço:

*“Inriba daquela serra, prantei uma taperinha
Pra quem nada pissui,
Deus mandô Padin Ciço dá sabença
Deus mando meu Padin me dá Luzia
Ah Luzia! Cuma a santa, afasta eu da cêguera
Dessa vida firina
Quem não tem lui nos zói*

Vive a trumenta dos golados preso nas gaiola da cidade grande” (MOURA, 2013, p. 48)

No discurso de Ciço, percebemos algumas palavras que caracterizam sua possível localização geográfica. A expressão “*Inriba* daquela serra, *prantei* uma *taperinha*” nos mostra ser uma fala muito comum da região nordestina, pois sabemos que na estrutura física desse local há a predominância característica de altos relevos formadores de serras, e a presença da palavra *taperinha*, que possui vários significados, mas, no Nordeste, especificamente em Monteiro e algumas localidades próximas, será a casa feita normalmente de barro; enquanto que no estado do Rio Grande do Sul seu sinônimo é “quando não há felicidade em uma casa”. Isso ocorre porque

[...] qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variações. Pode-se afirmar que nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea. Isso significa dizer que qualquer língua é representada por um conjunto de variedades. (ALKIMIN, 2007, p. 33)

Assim, a comunidade de fala é formada de variações, que possuem pronúncias diferentes, mas com significados iguais. Destacamos a palavra *inriba*, para se referir ao que está *em cima* de alguma coisa; como nos mostra o livro, essa palavra não caiu em desuso e é muito comum entre nordestinos. Essa é uma palavra que modifica os aspectos na fala, sendo no campo lexical, fonético e gramatical ao ser dita assim, e marca uma variação diatópica, já que é pronunciada em algumas localidades do Nordeste. As outras palavras são variações que também ocorrem no campo lexical e fonético, mas que não podem designar uma pessoa de determinada região, já que a troca do fonema /l/ por /r/ (*plantei* > *prantei*), ao qual chama-se de rotacismo, é comum em outras localidades do Brasil, podendo ocorrer entre falantes de qualquer lugar, normalmente entre pessoas que não possuem conhecimento das regras gramaticais, mas também com as que conhecem o funcionamento gramatical da língua.

Há também, como já vimos no decorrer deste trabalho, as variantes que o sintagma nominal marcador de plural sofre na fala do personagem “Vive a trumenta dos golados preso nas gaiola da cidade grande”, com a ausência do <s>, para dar concordância nominal entre os vocábulos “presos”, “nas gaiolas”. Ao analisarmos outros falantes na atualidade, é perceptível como é comum não utilizarem o SN marcador de plural para haver concordância entre as palavras em suas falas. Assim, mesmo que haja essa diferença entre colocar ou não o marcador de plural das palavras em uma construção frasal, as “[...]”

duas variantes não exercem função informativa no processo de comunicação, ou seja, não alteram o valor semântico da sentença que as contém.” (ALKIMIN, 2007, p. 57).

No que se refere à identidade de Ciço, é perceptível através de sua fala nas sentenças: “Deus mandô Padin Ciço dá sabença...Deus mando meu Padin me dá Luzia”, a predominância da identidade religiosa. O protagonista fala das bênçãos enviadas por Deus e pelo santo ao qual é devoto. Percebe-se também a variação que ocorre na palavra *padre*, onde o fonema “re” é trocado por “in”, muito comum entre romeiros. Padre Cícero, foi um padre morador da cidade do Juazeiro do Norte e ficou conhecido pelo Brasil e principalmente no Nordeste, região em que residia.

Outro ícone religioso que aparece é Luzia, uma santa conhecida como a protetora dos olhos: “Ah Luzia! Cuma a santa, afasta eu da cêguera”. Aqui ele chama por Luzia, sua amada, mas referenciando-se à santa, uma marca construtora da sua identidade.

Em outro momento, Luzia, em um diálogo com Ciço e Dona Judith, falam sobre um pernambucano que chegou à cidade, a forma como se vestia, corte de cabelo e como falava. Vamos perceber isso na observação feita por Luzia:

“Oxe mainha, um homi qui só fala chiando.” (MOURA, 2013, p. 60)

Mesmo sendo os dois do Nordeste, no que concerne à fonética, reproduzem os sons de forma distinta, e isso se dá pela localidade em que cada um vive. Quando a personagem coloca “chiando”, refere-se a algumas pronúncias de letras consonantais, como, por exemplo, /s/ e /z/, semelhança existente entre os pernambucanos e cariocas. São de regiões distintas, mas com a pronúncia de alguns fonemas de formas “chiantes” semelhantes.

A palavra *oxe* pode ser considerada uma variável diatópica, pois é mais comum escutarmos com som de exclamação na região do Nordeste, sendo *oxe* uma variação de *oxente!* com o lado semântico de sentimento de surpresa. A forma como *homi* está escrita e é falada também ocorre em outras localidades do território brasileiro, em que é substituído o fonema /e/ por /i/, e ocorre a supressão do /m/. Dessa forma, percebemos uma preocupação do escritor em retratar como as palavras eram ditas na década de 1970, mas que atualmente, muitas são utilizadas, como essas pronunciadas por Luzia e Ciço.

Ao analisarmos mais algumas falas do personagem, vamos identificar outra construção de identidade, a “*do caba macho*”¹.

Observemos esta segunda fala de Ciço:

¹ Neste trabalho, pretende-se apenas mostrar a cultura regional, sem fazer referência ao machismo. Aqui o sentido empregado condiz com do homem rural do sertão nordestino, que é de homem valente, corajoso, principalmente na década retratada.

“O caba fica em estado de incabulamento. Só fartava essa, inxiste a mulé qui o caba gosta e qui ela diz pelo zói qui é do caba, aí chega um condenado desse lá das bandas dos infernos pra atrapaiá o romance...Caba dessa laia é na ponta da pexêra” (MOURA, 2013, p. 60)

É muito comum a maneira como os homens dessa região tratam situações de confusões, mesmo sendo Ciço, um personagem calmo e romântico (não que um homem que tenha essas características não possa se tornar valente), é algo comum entre os nordestinos esse tipo de ação, o que é demonstrado na obra, pois, ao se mencionar questões de disputa, deixa surgir o homem valente, que resolve tudo por meio da peixeira, comum na década de 1970. Nesse trecho da fala de Ciço, não há palavras que possam dizer que ele é de determinada localidade, mas se olharmos o diálogo, percebemos que o conjunto das palavras demonstra que ele é um morador do campo.

A expressão utilizada por ele “[...] é na ponta da *pexêra*”, geralmente é utilizada mais por homens que entram em algum conflito com outro. Na Literatura brasileira, há alguns autores que também utilizaram desse recurso linguístico para demonstrar um traço cultural identitário do personagem, nesses casos, como em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos e os “Quinze”, de Rachel de Queiroz retratando cenas semelhantes. Pode-se dizer que a construção identitária de Cíco (no que concerne a sua coragem e valentia) na obra analisada, dialoga com a de Fabiano e Vicente nos romances citados, respectivamente. Esses personagens pertencem ao mesmo grupo social e portanto compartilham de valores e crenças em seus usos linguísticos.

Dessa forma, ao que se demonstra com as identidades de Cícero, do homem valente e do religioso, as duas estão associadas à diferença, característica da sua formação, pois é a oposição do que não são o torna com essas identidades. Então, como nos explica Woodward (2000, p. 51) “o pensamento é construído de termos de oposições binárias, mas que nesses dualismos um dos termos é sempre valorizado mais que o outro: um é a norma e o outro é o “outro” - visto como “desviante ou de fora””.

Assim, o livro no todo, no que se refere à identidade religiosa representada, é a oposição de um ateu, e de outras religiões, pois os personagens demonstram através de suas falas serem católicos, como estão constantemente se referindo a algum santo, como a Deus, Padre Cícero, Santa Luzia dentre outros que estão presentes na obra. Sendo assim, demonstra também ser algo cultural do livro e da maioria da população nordestina nessa época, tornando essa identidade social:

A religião é algo eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas; os ritos são uma maneira de agir que ocorre quando os grupos se reúnem, sendo destinados a estimular, manter ou recriar certos estados mentais nesses grupos. (Woodward, p. 41 *apud* Durkheim, citado em Bocock e Thompson, 1985, p. 42).

Dessa forma, percebe-se a representação concreta quando os personagens citam algum santo de quem são devotos.

Em outro momento, numa conversa com a mãe, Luzia a indaga sobre sua amiga já estar namorando, uma forma indireta de perguntar sobre quando ela iria começar um relacionamento. Então, Dona Judith, sempre protetora e cuidadosa com a filha, responde com uma expressão típica do Nordeste. Observemos:

“ Mainha, Luzinete tá namorano é?

Oxe e eu seio Luzia?

Mainha ela tem os mermo zano d´eu né?

Apague o facho minina, seu pai dixeu qui você tá muito moça pra namorá.”
(MOURA, 2013, p. 89)

Outra expressão bem comum nordestina é a que está sendo utilizada por sua mãe, “*apague o facho*”, que significa se aquietar, ir devagar com suas atitudes e pensamentos. Então, percebemos que as expressões ditas nas diferentes regiões possuem um cunho cultural, já que são passados de tempos em tempos e em alguns casos não se modificam. Essa expressão ainda é muito utilizada na região nordestina.

Outras palavras que também merecem ser destacadas nessa fala são “*seio*” > “*sei*” e “*dixeu*” > “*disse*”, pois na época retratada no livro, podem ter sido muito utilizadas e pronunciadas dessas formas, embora atualmente estejam em desuso, todos falam [sei] e [disse], independente de região ou situação de escolaridade. Isso nos mostra o quão a língua é dinâmica, até mesmo quando ocorre de forma mais sutil, estando continuamente em um processo de mudanças, seja na oral, como nas falas dos personagens, ou, na escrita. Nesse caso, que não vamos adentrar, é um processo mais longo, e como reforça Bagno (2013):

A mudança linguística é inevitável como a própria mudança de tudo o que existe no universo. Como já dizia o filósofo grego Heráclito, quinhentos anos antes de Cristo, “*pranta rhei*” – tudo flui, tudo muda, e a língua não tem como (nem por quê) escapar dessa inevitabilidade. (BAGNO, 2013, p. 128).

O gerúndio dito como o faz a personagem Luzia é outra forma que se tornou constante na fala brasileira, pois é fácil acharmos alguém que ao utilizar algum gerúndio

não o faça com a terminação *ndo*, suprimindo o *d* e, como Luzia, pronunciando [namoran_o] em vez de [namoranDo], ocorrendo síncope no campo morfofonético.

“Eita Don’Ana Crara, é uma carrerinha né? E tudin maguin, parece uns sibito baleado...” (MOURA, 2013, p. 137)

Na fala acima, Luzia se surpreende com os filhos de Galdino, um dos trabalhadores da fazenda, pelo fato dos três terem idades aproximadas. Partindo dos pressupostos já estudados, percebemos as mais diversas variações linguísticas que uma região pode apresentar. Nesse caso, quando Luzia utiliza a expressão *sibito baleado*, se analisarmos as palavras separadamente sequencialmente, vai ser, um pássaro, mais conhecido por sibite em outras regiões, magro e frágil (no Nordeste ficou popularizado como *sibito*), e quando é utilizado acompanhado do verbo *baleado*, se refere a uma pessoa magra e ágil. Dessa forma, percebe-se o rol de variações linguísticas que há em cada fala utilizada pelos personagens, e como em meio às adversidades próprias da região do Nordeste, os habitantes já aprendem desde cedo a serem mais ágeis, mesmo quando haja problemas como o da desnutrição. Assim, mais uma vez percebemos a relação que a linguagem retratada no livro possui na constituição da identidade nordestina.

Novamente, sendo que na fala de Luzia, verificamos a presença do rotacismo. Em um nome próprio, a personagem troca o fonema *l* por *r* [*Clara* > *Crara*], não apenas nessa palavra, mas também em outras. Sabe-se que o rotacismo é um fenômeno verificado ao longo da história da Língua Portuguesa, e que além de ocorre nos encontros consonantais, pode se dar no começo ou final da sílaba como nos exemplos utilizados pelos personagens:

“Tiana, apôi uma semana dessa, era *qualta*.” (MOURA, 2013, p. 209)

[*quarta* > *qualta*]

“Oxe mainha! Oxe Vó Iná! Carece falar *arto* não.” (MOURA, 2013, p. 221)

[*alto* > *arto*]

A utilização dos diminutivos *tudin maguin* pode nos indicar, além da introdução de quem esteja falando pelo narrador, que é de uma mulher, o que podemos classificar como uma variação diastrática, aquela que ocorre no campo social, e como nos confirma Alkimim (2007, p.36) “a duração de vogais como recurso expressivo, como em “maraaravilhos”, costuma ocorrer na fala das mulheres (CAMACHO, 1978), assim como o uso frequente de diminutivos, como “bonitinho”, “gostosinho”, “vermelhinho””.

Além, da classificação da variação, também ocorre a retirada e supressão dos fonemas, sequencialmente, *o* por *u* e **ho** por **n** (*todinho* por *tudin*).

Em uma análise das falas dos personagens, há a recitação de uma poesia de cordel por um pernambucano, extraímos apenas uma estrofe, pois, como característica de um cordel, esse é longo, e aqui queremos mostrar a representação da cultura nordestina em relação à Literatura:

“Tinha um tecladista cego tocando desafinado uma hora parecia um Bitôve arrepiado quando o baterista errava o cego se arretava gritava todo afobado”. (MOURA, 2013, p. 108)

Nessa pequena amostra do cordel recitado pelo escritor Marco di Aurélio convidado pelo autor do livro e pelo personagem Zé Vando, podemos destacar uma cultura brasileira na Literatura, mas que no decorrer do tempo, tornou-se parte da nordestina, pois é nessa região o local em que mais se produz esse gênero, e o livro *Ciço de Luzia*, além de trazer algumas identidades, também, nos mostra uma identidade cultural típica do Nordeste. Dentro dessa estrofe, percebemos a variação usada ao nome do compositor Beethoven, pois, por ser um nome estrangeiro, algumas pessoas não conseguem pronunciar. Outra variação nordestina, ou seja, diatópica, é a utilizada pelo compositor do cordel, *arretava*, com o significado de ficar inquieto ou em outros contextos ficar valente.

Na fala seguinte, foi preciso destacarmos o contexto e a época para termos o valor semântico da palavra, que atualmente (final de 2016 para 2017), mais especificamente, se tornou popular entre os jovens.

“Oxe, ficou bêbo cum crush foi? O homi tem um fio e num butá o nome dele? Quem já se viu? Vai se chamár Zévandin!” (MOURA, 2013, p. 202)

Na fala acima, há a presença do vocabulário de origem estrangeira *crush*, que no tempo era um nome dado a um refrigerante de sabor laranja, mesmo que esteja acompanhado de palavras que o identifiquem como uma bebida, na primeira leitura, se for despercebida, existe a possibilidade de associação com outro sentido. Logo, trazendo para a atualidade, uma das interpretações para essa palavra, é a de os jovens a utilizam como gíria para designarem alguém por quem se tem interesse amoroso. Dessa forma,

podemos perceber a dinamicidade da língua, seja em seu sentido, quando é mantido, ou quando de forma diacrônica tem sido modificado, pela utilização frequente dessa palavra.

Na verdade, o que ocorre é um empréstimo de palavras de outras línguas para a nossa. Quando foi utilizada no refrigerante, poderia ser justamente para chamar a atenção para o público, pois era um “tombamento”² quando se tomava essa bebida, sendo uma palavra inicialmente não conhecida por todos, mas que atrai uma grande quantidade de público: estratégias da publicidade. Já para os jovens, é uma forma de “atualizar” o vocabulário de gírias; também pode-se utilizar a tradução real, mas a colocação de um sentido para determinada palavra dá um efeito mais “original”.

Voltando ao personagem Ciço, destacamos a sua fala ao pedir seu Zé Vando a permissão para namorar Luzia, nota-se algumas características da região nordestina rural, e mais uma vez a identidade religiosa do personagem é evidenciada, ao dizer:

“Seu Zé, no mei desse só condenado qui muda de co os mato da terra da gente, no mêi desses feixes de agave qui vão fazer as bassôra e os tapetes pra nós alimpá as casa da gente e tendo esses trabaiadôr Cuma tistimunha , eu peço a mão de sua fia in namoro, e adispôis pro casamento cá graça de Deus, de Santa Luzia, de Dona das Dô e de Padin Ciço...” (MOURA, 2013, p. 269)

Dessa forma, percebe-se a forte presença da natureza nordestina, o sol, que se faz constante, as plantas de agave que, no interior servem para fazerem vassouras, tapetes e outros utensílios. Quanto à variação, há a presença do arcaísmo *bassôra*, como está escrito e é falado muito antes da década de 1970, quando portugueses ainda estavam se instalando no Brasil. Então, a população rural e de outras regiões “conservam” essa forma de uso da língua, por exemplo, ao utilizar o fonema [a] antes de algumas palavras, como em [*alimpá*] e tantas outras (TEYSSIER, 1994).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dependendo do momento, local e com quem se fala a linguagem irá se adaptar para alcançar determinado fim de comunicação, pois é através dela que podemos expressar nossos pensamentos e emoções. Assim, a língua é um tipo de linguagem, usada por meio de palavras, com a mesma finalidade de todas as formas de linguagens, se comunicarem. Porém, além disso, ela também nos fornece uma rica informação sobre a cultura de um povo, e é por meio do livro *Ciço de Luzia*, que podemos destacar as

² No sentido de que, ao tomar a bebida, a pessoa ficava estonteante e que o sabor era incomum; ficar surpreso pelo gosto da bebida.

identidades existentes nessa ficção, e conseguir alcançar a realidade falada dos nordestinos através das variações observadas.

Dessa forma, percebemos que, mesmo a Sociolinguística tendo diversas maneiras de analisar a língua, seja por meio de alguma conversa gravada, por um filme ou outros, a Literatura se torna bastante abrangente para o estudo de variações e mudanças linguísticas que ocorrem em uma determinada comunidade, quando o autor tenta escrever a forma falada dos personagens. Assim, é importante que os sociolinguistas analisem mais obras literárias, podendo dar destaque as questões identitárias de um povo, seus costumes entre outros assuntos, mesmo que a preferência seja pela utilização em tempo real da fala.

Neste trabalho, conseguimos realizar uma ponte entre o mundo ficcional da literatura e a realidade em que vivemos na atualidade, em relação à língua. Os diálogos empregados na íntegra nos deixam mais próximos da população do sertão nordestino da década de 1970, e também para verificação das identidades culturais que são comuns nessa região. Juntamente com os pressupostos teóricos da Sociolinguística, foi possível detectarmos variações linguísticas que são próprias do Nordeste, e outras que circulam em diferentes lugares. Nesse caso, destacamos a variação linguística diatópica e a diastrática, e quanto às identidades representadas, percebe-se a predominância da religiosa, e a caracterização do homem nordestino daquela época, como valente.

Assim, esse estudo expôs a riqueza existente na língua falada, mostrando os sentidos existentes em cada palavra dita, suas variações, e expressões que englobam a cultura nordestina. Destaca-se também, a importância dos autores da literatura em procurar demonstrar a oralidade típica de um povo, seja ele escolarizado ou não, pois é possível diminuir o abstrato da oralidade da língua quando é escrita em textos ficcionais, ou qualquer outra modalidade literária. Então, percebe-se que na obra analisada, a relação entre os personagens não se constituiu apenas de forma sentimental, mas contribuiu para a formação da identidade cultural dos mesmos, que é perceptível através da reprodução de suas falas.

REFERÊNCIAS

- ALKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística. *In*: BENTES, Anna; MUSSALIM, Fernanda. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. v. 1, 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 21 - 47.
- BAGNO, Marcos. A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola, 2003.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística: parte II. *In*: BENTES, Anna; MUSSALIM, Fernanda. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. v. 1, 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 49 - 75.
- GOMES, Christina Abreu; SOUZA, Cláudia Nívia Roncarati de. Variáveis fonológicas. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. 4. ed. , 3ª reimpressão: São Paulo: Contexto, 2015. cap. 9, p. 73 - 80.
- LUCCHESI, Dante. Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil. São Paulo: Contexto, 2015. p. 15 - 37.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP e A. 2006.
- MOURA, José Efigênio Eloi. *Ciço de Luzia*. 1. ed., 2ª reimpressão: Campina Grande: Latus, 2013.
- PRETI, Dino. A representação escrita das variações da língua oral. *In*_____: Sociolinguística: os níveis de fala: um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira. São Paulo: Edusp, 2003. p. 61 - 115.
- SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Linguística Geral. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cutrix, 2006.
- TARALLO, Fernando. A pesquisa sociolinguística. 7. Ed. São Paulo: Ática, 2002.
- TEYSSIER, Paul. História da Língua Portuguesa. Trad. de Celso Cunha. 6ª Ed. Portuguesa. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1994.
- VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. 4. ed. , 3ª reimpressão: São Paulo: Contexto, 2015. cap. 6, p. 51-57.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart. Identidade e diferença: A perspectivas dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 7 - 71.
- ZANUTTO, Flávia. O sujeito e a identidade na pós-modernidade. *In*_____. Discurso, resistência e identidade: o rock brasileiro dos anos 1980. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2010. p. 50 - 57.